



HAL
open science

A procura das raízes no romance Terra Fria de Ana Maria Torres

Jose Manuel da Costa Esteves

► **To cite this version:**

Jose Manuel da Costa Esteves. A procura das raízes no romance Terra Fria de Ana Maria Torres. VIII Congresso internacional - A Vez e a Voz da Mulher Imigrante Portuguesa: Mobilidades e Interculturalidades, Editora Alma Letras, pp.234-241, 2024, 978-989-9140-08-0. hal-04360549

HAL Id: hal-04360549

<https://hal.parisnanterre.fr/hal-04360549v1>

Submitted on 21 Dec 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

A procura das raízes no romance *Terra Fria* de Ana Maria Torres

José Manuel da Costa Esteves¹

Resumo

Propomo-nos abordar nesta comunicação o romance de estreia *Terra Fria* da lusodescendente Ana Maria Torres, escrito e publicado em francês em 2022. Numa aldeia do norte de Portugal, na parte oriental de Trás-Os-Montes, confrontam-se os percursos, os olhares, as memórias da infância e das origens de duas mulheres, Madalena e Marta, mãe e filha. Uma deseja partir para uma vida melhor emigrando para França, a outra deseja regressar ao lugar onde se inscrevem as suas raízes.

De forma muito concisa, entre mitos e mitologias, dizeres, saberes e sabores, desfila um modo de vida que passa em revista a aldeia, a casa, os trabalhos domésticos, como o fazer do pão, a faina agrícola com os seus diversos ciclos, mas também as festas e os ritos de iniciação, um mundo que tende a desmoronar-se e a ser devorado pelo esquecimento. Mas é também um retrato de Portugal que se desenha em filigrana: a situação das mulheres num sistema onde reina o patriarcado, a pobreza, a emigração, no qual a Revolução de Abril não parece ter passado.

A escrita é enxuta, densa e com grande contenção poética não se demorando em pormenores para captar apenas o essencial, através de capítulos espelhados, que captam não só realidades portuguesas mas que as ultrapassam para atingir um mundo mais íntimo, profundo, que atinge o universal, tão ao gosto do grande mestre transmuntano, Miguel Torga, autor da epígrafe do livro. Com uma escrita muito elaborada, Ana Maria Torres coloca-nos diante dos olhos uma paleta de cores, odores, imagens, rumores, só possíveis graças à sua mestria transfiguradora.

Após uma análise dos eixos acima esboçados procuraremos demonstrar de que forma estas vozes das personagens femininas veiculam não só a sua identidade, como se inscrevem numa comunidade de cidadãos que tenta preservar as raízes apesar de tudo o que desaparece.

Abstract

¹ Professor responsável da Cátedra Lindley Cintra, Camões, IP na Université Paris Nanterre/ CRILUS, UR Études Romanes.

The search for roots in the novel *Terra Fria* by Ana Maria Torres

In this paper, we aim to address the debut novel *Terra Fria* by the Portuguese descendant Ana Maria Torres, written and published in French in 2022. In a village in the north of Portugal, in the eastern part of Trás-Os-Montes, the conflictual trajectories, perspectives, childhood memories and origins of two women, Madalena and Marta, mother and daughter, take shape. One wants to pursue a better life by emigrating to France, the other wants to return to the place where her roots are inscribed.

In a very concise way, between myths and mythologies, sayings, knowledge and flavors, it is depicted a way of life which encompasses the village, the house, domestic work, such as making bread, agricultural work with its various cycles, but also festivals and initiation rites - a world on the brink of collapse and of being devoured by oblivion. But it is also a portrait of Portugal drawn in filigree: the situation of women in a system dominated by patriarchy, poverty, emigration and which seems not to have been touched by the April Revolution.

The writing is lean, dense and made with great poetic restraint, not dwelling on details, in order to capture only the essential, through chapters that mirror each other, which portraits Portuguese realities and even goes beyond them, reaching a more intimate, profound and universal world, so much to the liking of the great master from Trás-os-Montes, Miguel Torga, author of the book's epigraph. With a very elaborate writing, Ana Maria Torres presents us with a palette of colors, smells, images, rumours, only possible due to the transfigurative mastery of the writer.

After an analysis of the axes outlined above, we will try to demonstrate how these voices of female characters convey not only their identity, but also form part of a community of citizens who try to preserve their roots despite everything that disappears.

1. Propomo-nos abordar o romance de estreia *Terra Fria* (Torres, 2022) da lusodescendente Ana Maria Torres, escrito e publicado em francês. Numa aldeia do norte de Portugal, na parte oriental de Trás-Os-Montes, confrontam-se os percursos, os olhares, as memórias da infância e das origens de duas mulheres, Madalena e Marta, mãe e filha. Uma deseja partir para uma vida melhor emigrando para França, a outra deseja regressar ao lugar onde se inscrevem as suas raízes.

Sabemos que as relações familiares e de parentesco, através das interações entre as personagens são um dos temas que atravessa a história literária de todas as culturas, certamente porque e através delas se constituem modelos que são o sustentáculo das sociedades com as suas convenções, leis e interditos. Para tal não basta ser portador do mesmo nome, a solidariedade moral e material são também fundamentais para proporcionar aos seus membros um desenvolvimento físico, social e afetivo.

Na literatura portuguesa ocorre-nos de imediato a relação entre a mãe confidente e a filha enamorada das ‘cantigas de amigo’. No que respeita à relação mãe-filha encontram-se como subtemas a transmissão de uma cultura extremamente ligada às práticas do quotidiano (muito importante em meios que tendem a desaparecer com o avanço das culturas urbanas, como o mundo rural, piscatório, nos contextos de emigração e mobilidade), ligadas à transmissão de um segredo, de valores, de uma memória simbólica, de um modo de vida ou de um fazer, o respeito pela natureza, o amor por uma região, um país, universos de carácter sensorial, memórias, mas também ódios ancestrais. Esta relação permite à criança ou adolescente encontrar o seu próprio lugar e inscrever-se numa história familiar e numa comunidade de cidadãos, em suma, tornar-se um ser humano.

2. Ana Maria Torres, no seu romance *Terra Fria*² de forma muito concisa, entre mitos e mitologias regionais, dizeres, saberes e sabores faz desfilar um modo de vida que passa em revista a aldeia, a casa, os trabalhos domésticos, como o fazer do pão, a faina agrícola com os seus diversos ciclos, mas também as festas e os ritos de iniciação, um mundo que tende a desmorrar-se e a ser devorado pelo esquecimento. Mas é também um retrato de Portugal que se desenha em filigrana: a situação das mulheres num sistema onde reina o patriarcado, a pobreza, a emigração, onde a Revolução de Abril não parece ter passado.

A escrita de grande contenção poética não se demora em pormenores para dar lugar apenas ao essencial, através de capítulos espelhados, que captam não só realidades portuguesas mas que as ultrapassam para atingir um mundo mais íntimo, profundo, o universal, tão ao gosto do grande escritor transmontano, Miguel Torga, autor da epígrafe do livro e que a autora volta a convocar explicitamente quando Marta, na sua viagem de regresso, ao entrar na fronteira

² “Terra Fria” é o nome que se dá a um território situado no Nordeste Transmontano composto pelos concelhos raianos de Vinhais, Bragança, Vimioso, Miranda do Douro e Mogadouro. Surge por oposição a outro, a “Terra Quente”.

portuguesa, lê e cita o opúsculo *L'Universel, c'est le local moins les murs*³ (Torres, 2022, p.82).

Com uma escrita muito elaborada, Ana Maria Torres coloca-nos diante dos olhos uma paleta de cores, odores, imagens, rumores, possíveis graças à sua mestria transfiguradora. Procuraremos demonstrar de que forma estas vozes das personagens femininas, mas também as da própria autora, veiculam não só a sua identidade, como se inscrevem numa comunidade de cidadãos que tentam preservar as raízes apesar de tudo o que desaparece.

Mas antes de pôr em evidência esta narrativa onde se fundem a palavra literária e experiências de vida, numa recriação que aponta para uma realidade extratextual, de vivência de personagens femininas portuguesas no contexto da emigração para França, faremos algumas considerações sobre a inscrição de Ana Maria Torres na literatura sobre a diáspora.

3. As temáticas do exílio e da saudade estão omnipresentes na longa história da cultura portuguesa. Como é sabido, Portugal conheceu desde muito cedo movimentos de saída do território peninsular, embora os grandes momentos de emigração, quase sempre por motivos económicos, sem esquecermos os de carácter político, tenham ocorrido massivamente em meados do século passado e com um forte recrudescimento em momentos recentes dos anos de crise (Esteves, 2009, p. 211-226).

Exílio e emigração não se sobrepõem, mas na prática estes conceitos recortam-se, pois o emigrado sente-se muitas vezes como um exilado (vivência do espaço como uma prisão, sentimento de desterro e abandono, clima agreste, solidão, perda de identidade, etc.). Num país tão marcado pela emigração, pelas vicissitudes da História, podemos afirmar que a ausência da pátria, percorre toda a nossa literatura, desde Camões, a Miguel Torga, Manuel Alegre, só para citar alguns exemplos de épocas bem diferentes. No entanto é com Torga que a personagem Marta se identifica quando, no seu regresso, passa a alguns quilómetros da terra do célebre escritor transmontano: “Cent vingt kilomètres la séparent de celui qui a écrit cette phrase. Tous deux exilés” (Torres, 2022, p. 82)⁴. Apenas o nevoeiro do Marão os separa.

No entanto, se deixarmos de lado o caso paradigmático de *Emigrantes* (1928) e de *A Selva* (1930) de Ferreira de Castro, dir-se-ia que a literatura portuguesa teve dificuldade em penetrar no âmago desta temática, elemento constituinte e fundador, no entanto, da nossa cultura. Todos nós conhecemos a ambivalência e hipocrisia do regime ditatorial que, apesar de

³ (TN: tradução nossa) *O Universal, é o local menos os muros*.

⁴ TN “Cento e vinte quilómetros a separam daquele que escreveu esta frase. Ambos exilados”.

necessitar das remessas dos emigrantes aos quais recusava condições dignas de vida, não lhes concedia o direito de o fazerem legalmente e em segurança, atirando-os para as mãos de passadores, (temática da maior atualidade), além de terem sofrido o olhar desvalorizante dos portugueses não-expatriados que os rejeitam e excluem, negando-lhes a sua identidade e empurrando-os para uma zona perigosa de terra de ninguém, duplamente traumática.

As tendências da década de 30 do século passado e da literatura neorrealista já se tinham interessado pela emigração e migrações, mas só a Revolução de Abril traz à literatura portuguesa uma nova consciência do real de onde não se exclui uma dimensão factual, de carácter documental, e uma outra de carácter simbólico, criadora, que desestabiliza a realidade convencional (Esteves, 2011, p.87-104).

4. E se as temáticas do exílio e da saudade podem decorrer do subgénero da narrativa da literatura de viagens, algumas das obras produzidas por escritores da diáspora e seus descendentes, integram a temática da Viagem na literatura, não agora no sentido humanista e antropológico que caracterizou o grande ciclo dessas narrativas portuguesas (Cristóvão, 1999, p.15-52), ainda que as vertentes documentais, de carácter sociológico e étnico-cultural, estejam presentes no romance de Ana Maria Torres, por exemplo : a viagem de Madalena para França, por razões económicas e a viagem de regresso da filha Marta, na busca das suas raízes, fechando assim um círculo, agora fundamentalmente de carácter existencial.

5. A Revolução dos Cravos, que instaura a democracia, trouxe consigo conquistas fundamentais, estando algumas delas, ligadas à situação das mulheres que deixam de ser discriminadas legalmente. A literatura portuguesa, marcada já por grandes personalidades literárias, e após a publicação do livro seminal *Novas Cartas Portuguesas*, vê surgir pós-25 de Abril uma plêiade notável de mulheres escritoras, algumas desenvolvendo a temática da emigração. Escrevem ficcionalmente sobre ela com um enfoque muito particular nas mulheres: a narração é atribuída expressamente a uma voz feminina, os condutores dos fios das histórias de vidas são também mulheres. Nestas escritoras encontramos a presença de mulheres, o esbatimento da figura masculina, a presença de temáticas ligadas ao quotidiano, à infância, à maternidade, a tendência para um discurso na primeira pessoa, a presença do fragmento, uma certa circularidade do tempo, o uso da oralidade, oscilações de género, enfim, características que poderíamos sumariamente indicar como marcas do que se costuma designar como uma escrita feminina (Besse, 2001, p. 11-33).

6. Ana Maria Torres, nasceu em França, é tradutora, filha de uma portuguesa de Vimioso, Trás-Os-Montes e é a própria escritora que refere, nas cinco linhas de biografia da contracapa, as suas origens e o apego a essa terra “Ana Maria Torres rentre tous les étés dans son petit village de Trás-os-Montes. Là-bas, elle aime assister aux processions, nourrir les ânes, danser le pimba et regarder les feux d’artifice et les couchers de soleil sur les vignes »⁵.

O seu romance entronca num veio que vem da tradição lírica e da oralidade (a narrativa é dedicada à Mãe, à família e “à minha aldeia”, note-se, aliás, o uso do determinativo possessivo) com a sua linguagem poética, mas inserindo regionalismos, palavras e expressões em Português, histórias, crenças, assumindo-se claramente o sujeito como contador de uma história e de memórias, que transmite quer como um tesouro patrimonial quer como um repositório saudoso de uma infância edénica, o que permite a sua inscrição num espaço-tempo simbólicos.

A narrativa organiza-se num díptico, constituído por sete capítulos cada (a simbólica do número sete remete-nos para a totalidade do espaço e da totalidade do tempo) numa construção espelhada, correspondendo cada um deles ao percurso de uma das personagens:

I – A casa/ O rio/ A colheita/A festa/ O tesouro / O medo / O regresso (Madalena)

II - O regresso/ O medo/ O tesouro/ A festa/ A colheita/ O rio/ A casa (Marta)

Estas partes assumem-se como modalidades de um percurso que vai do ponto de partida, da casa da aldeia, para o mundo e a este regressa fechando-se o círculo, podendo os capítulos ser lidos de forma linear (a casa, o rio,.. rio, casa, etc.), num jogo de vaivém espelhado (em que o fim, convoca o princípio num jogo de transformação, desconstrução e reconstrução) como também convida o leitor a lê-los de forma paradigmática, em pares, estabelecendo conexões em eco, mais imediatas, à imagem do espelho que devolve outra imagem (casa/ casa; regresso/regresso...), instaurando a ambiguidade entre o mundo representado e o imaginário fantasmático: trata-se do mesmo ou já é um outro? A figura do quiasmo não está longe desta estrutura que parece esbater as fronteiras e separações.

⁵ TN “Ana Maria Torres regressa todos os verões à sua pequena aldeia de Trás-Os-Montes. Lá, gosta de assistir às procissões, dar de comer os burros, dançar música pimba e ver os fogos-de-artifício e os pores do sol sobre as vinhas”.

Ainda de forma espelhada, a 1ª parte é precedida de um texto inicial, em modo de prefácio, “Le Village”, que rima com o texto que fecha 2ª parte e o livro, este à maneira de posfácio, “Des mots pour un prénom”⁶, remetendo assim ambos para a figura autoral.

A epígrafe de Miguel Torga “Je n’ai pas de frontières spirituelles, mais je porte en moi, gravés dans mes chromosomes, les repères de mon village et la physionomie de mes semblables”⁷ não só configura um sujeito da escrita como que tatuado pela sua identidade genética, como abre o caminho da narrativa, instalando-a num pórtico que convida o leitor a visualizar, segundo a retórica da hipotipose, a aldeia e o seu modo de vida diante dos olhos do leitor:

Il faut voir les oliviers en été. (...) Il faut sentir la chaleur (...). Il faut voir les oliviers en hiver. (...) Il faut entendre les cloches (...). Il faut voir ces gestes séculaires (...). Il faut les voir, ces femmes qui (...) mêlent poulet et porc, pain et huile, jusqu’à ne plus distinguer l’animal du végétal. Il faut les voir saisir le boyau qui se remplira goulûment de farce (Torres, 2022, p. 9 – 13)⁸.

Convoca-se a paisagem com o seu cromatismo em perpétua mudança, mas também os gestos ancestrais de quem a habita e domina : apanhar as batatas, regar os campos, dar de comer às galinhas, acender o forno, amassar o pão, esmagar as uvas, “une danse millénaire où chaque pas est chorégraphié par l’instinct” (Torres, *ibidem*)⁹, apanhar e assar as castanhas, beber a jeropiga, agora que “le temps des figues est déjà loin” (Torres, *ibidem*)¹⁰, marcando-se desde logo uma temporalidade fugaz que tem tendência a desaparecer engolida pela voragem do mundo moderno. Cria-se e convoca-se um universo marcado, pela urgência (é preciso) de ver, ouvir, cheirar, saborear, tocar, num despertar festivo e ao mesmo tempo elegíaco de todas as sensações, antes que este mundo desapareça: “Il faut se souvenir. Encore. Et toujours. Penser au chant du coq qui réveille le village. Et au tintement mélancolique de l’angélus qui

⁶ TN “Aldeia” e “Palavras para um nome”.

⁷ “Não tenho fronteiras espirituais, mas trago gravados nos cromossomas os marcos da minha aldeia e a fisionomia dos meus conterrâneos” (Torga, 1993, p. 135). *Diário XVI*, Coimbra:

Edição do Autor, 1993, p. 135.

⁸ TN É preciso ver as oliveiras no verão (...). É preciso sentir o calor (...). É preciso ver as oliveiras no inverno (...). É preciso ouvir os sinos (...). É preciso ver todos estes gestos seculares (...). É preciso vê-las, essas mulheres (...) que misturam o frango e o porco, o pão e o azeite, até não se distinguir o animal do vegetal. É preciso vê-las, pegar na tripa que se enche avidamente com o recheio.

⁹ TN “uma dança milenar onde cada passo é coreografado pelo instinto”.

¹⁰ TN “o tempo dos figos já vai longe”.

l'assouplit" (Torres, 2022, p. 14)¹¹. A perspectiva memorial vai dar assim forma ao romance nas duas partes acima apontadas.

A narrativa é de caráter intimista, os factos são apenas sugeridos ou esboçados. O que importa é a projeção do sujeito no espaço conferindo-lhe uma forte dimensão lírica, para o que também contribui a pouca presença de elementos temporais que nos permitem, no entanto, situar a narrativa nos anos 1980, num Portugal parado, longe do tumulto urbano, com referências à Revolução dos Cravos na longínqua Lisboa, aos retornados ou à Europa com as suas leis economicistas que não valorizam o trabalho dos trabalhadores rurais e que fazem do azeite de Trás-Os-Montes um vulgar azeite de supermercado.

As personagens referenciadas pertencem ao ciclo da emigração económica numa região que parece não ter modificado radicalmente o seu modo de vida. *Terra Fria* esboça os contornos do mundo rural de uma aldeia transmontana, tipificada e fechada num sistema patriarcal, mas onde emergem as duas personagens femininas, Madalena e Marta, mãe e filha, como se a rutura se pudesse operar apenas pelo feminino. Madalena sintetiza a vontade e o desejo de transformação por um futuro melhor após anos de vida passados na lida do campo a semear, cultivar, vindimar, na apanha da azeitona ou outros frutos, segundo as estações do ano, na terra dos antepassados que um dia transitará para as mãos da filha e netos, mas gastos também nos trabalhos domésticos. Madalena é caracterizada pelo gosto de aprender, apesar de ter deixado a escola para dar os seus braços à lavoura, de ler histórias de heroínas da Bíblia e mesmo de fazer o que lhe era interdito por ser mulher, apesar de ser capaz de se bater com os rapazes ou de nadar no rio com eles, ato que se constituirá como a sua primeira experiência de vivência da liberdade, nadar sem ter pé, voar com as suas próprias asas: “elle se dira qu'elle ira loin, par delà le fleuve, par delà la Montagne (...). Loin, très loin, jusqu'au Brésil peut-être” (Torres, 2022, p. 26)¹². Os homens estão quase completamente ausentes deste universo. Apenas os pronomes de terceira pessoa, ele ou eles, os designam. No seu percurso, igual a tantos outros de mulher emigrada na cidade tentacular, embora o apelo da Montanha nunca deixe de se ouvir, sem falar a língua, trabalhando de dia e de noite com um balde e uma esfregona na mão, viveu durante anos em águas-furtadas partilhadas com outras da sua condição, até obter a sua gaiola dourada, uma casa de porteira. Ainda que dividida entre o apelo à evasão (quando se revê no retrato tirado na vila, vestida de princesa encantada num

¹¹ TN “É preciso recordar. Ainda. E sempre. Pensar no canto do galo que acorda a aldeia. E no tinir melancólico do angelus que o adormece”.

¹² NT “ela diz a si mesma que irá longe, para lá do rio, para lá da Montanha (...). Longe, muito longe, até ao Brasil talvez!”

cenário romântico), o princípio de realidade impõe-se-lhe quando o espelho do tempo presente lhe devolve uma imagem sem artifícios.

A casa concha, símbolo da fixação e da permanência, antropomorfiza-se e torna-se alegoria da maternidade, das origens placentárias, lugar de nascimento da mãe¹³, e é -nos descrita de forma extremamente poética, ela grita, espera, exulta, enlaça, como se fosse dotada de vida própria. Marta sonha resgatar a casa da infância, cheia de tesouros com as alaias agrícolas e os objetos simples do quotidiano, agora é ela a mulher e patroa graças à sua persistência e à força do seu trabalho, ela que viveu com a mãe os perigos do salto e que enfrentou a miséria e o trabalho clandestino. Nas horas de trabalho árduo é Marta quem pensa na casa nova a construir, com as suas cores que evocam a natureza, o amarelo laranja, o verde amêndoa, ao mesmo tempo que limpa, esfrega, desinfeta. Quando volta à aldeia é ainda ela que revigora os laços, retoma o trabalho da terra e as suas canseiras, agora que já ninguém quer cultivar e os que partem não regressam.

A vida de trabalho é atenuada pela anestesiante e encantatória recordação desse universo, habitado pelas festas, batizados e casamentos, a música pimba, os foguetes, os matraquilhos, a cerveja fresca, as histórias de bruxas e outras de “meter medo”, mas povoado também pelo mugir da vaca no estábulo, pelo céu negro abissal onde se podia ver a imensidão das estrelas, quase inexistentes na cidade de acolhimento onde apenas as buzinas estridentes se ouvem em resposta aos foguetes do 14 de julho. Mas no futuro, na sua Montanha, também só se ouvirá o silêncio, pois as luzes vão-se extinguindo, as casas esvaziam-se, fechando para sempre um ciclo desta vida rural.

A língua Portuguesa é também um forte fator identitário para a personagem Marta, que reflete sobre a sua “*langue bâtarde de fille d’émigrés (...)* depuis ses premiers balbutiements, entre idiotismes et gallicismes” (Torres, 2022, p. 83)¹⁴, língua que vai esculpindo e pela qual nutre grande amor e, por isso, se torna assunto de conversa com as amigas, as que estudam na Universidade, as que escrevem, as que fazem traduções para “contar a aldeia”.

Há nesta passagem uma fusão da personagem Marta com a figura autoral que nos dá a ver a sua “Terra Fria”. O uso sistemático de vocábulos ou de expressões em Português (até pro ano, se Deus quiser, agarrar medo, ao fresco, etc.) são também um modo de inscrição na realidade que se reconstitui nos campos lexicais da aldeia, da lavoura (esterco), da casa

¹³ Interessante verificar que a propriedade da casa se transmite geracionalmente pelas figuras femininas.

¹⁴ NT “língua bastarda de filha de emigrantes (...) desde as primeiras palavras, entre idiomatismos e galacismos”.

(tanque, lenha, balde), do quotidiano (mantas, enxoval), com destaque para a alimentação (aletria, alheira, caldo, rabanadas, merenda, jeropiga, das crenças (bruxa, terço, esconjuro, consoada), dos divertimentos, (matraquilhos, entrudo, gaita de foles, pimba), etc. No último capítulo/posfácio, Ana Maria Torres evoca mesmo a sua aprendizagem da língua e cultura Portuguesas nas aulas de quarta-feira à tarde, ministradas pela rede de ensino de Português no estrangeiro, assim como o seu nome Ana Maria e não Ana, palíndroma a que teve de recorrer para que o seu nome fosse mais “maleável”, mas que sente como uma amputação de si própria.

Quando Ana Maria se autodenomina cinco vezes¹⁵, “Je m’appelle Ana. Ana Maria.” (Torres, 2022, p. 93)¹⁶ neste capítulo final, em modo de *leit-motif*, nesse preciso momento revela-se a si mesma, não só como indivíduo, mas como aquela que escreve “j’écris sur un pays qui n’existe plus. Celui de mon enfance. Celui de ma mère qui est partie trop tôt. À contre-courant, j’écris. Pour lutter contre l’oubli” (Torres, 2022, p. 94)¹⁷. O nome torna-se a sua própria vida, o seu património existencial, a sua realidade única, pessoal e intransmissível. Esta Ana Maria identificável com a figura autoral que assina a narrativa ficcionaliza outras figuras com as quais se identifica também em espelho, num processo de autoconhecimento, através da recorrência ao recorte das várias histórias e episódios que se devem ler na sua sedimentação para se responder à sua própria busca da identidade. O sujeito não contempla apenas, analisa e pensa o que vê, pensa o mundo, e portanto a si própria “Réveiller en chacun l’éternel de celui ou de celle qui se terre au plus profond de nos origines. Pour ne jamais le perdre” (Torres, *ibidem*)¹⁸. Ana Maria Torres efetua uma travessia, através da escrita, entre dois mundos que se desconhecem para, desta forma, como afirma numa entrevista ao *Lusojornal*¹⁹ contrariar a imagem de postal ilustrado de um país que está agora no centro das atenções turísticas. É como se atravessasse o espelho de modo a desconstruir uma imagem identitária e construir uma outra de forma independente e autónoma contra as convenções e estereótipos.

Face ao espaço do eu adulto há uma mitificação da terra das origens. O que dele fica, fundamentalmente, é a nostalgia das origens (de carácter genesíaco) e o apego da escritora ao

¹⁵ Número simbólico que representa o homem como consciência do mundo.

¹⁶ NT “Chamo-me Ana. Ana Maria”.

¹⁷ NT “escrevo sobre um país que já não existe. O da minha infância. O da minha mãe que partiu demasiado cedo. A contracorrente, escrevo. Para lutar contra o esquecimento”.

¹⁸ NT Despertar em todos o eterno daquele ou daquela que se esconde nas profundezas das nossas origens. Para nunca mais perder”.

¹⁹ (<https://lusojornal.com/livro-da-semana-terra-fria-de-ana-maria-torres/> consultado 23 janeiro 2023).

espaço. São evocados ao longo da narrativa, e num de diálogo em filigrana com Miguel Torga, a paisagem rude com as suas serras, as penedias, os caminhos, os rios, as fontes, os vinhedos, as plantas, os animais, onde os touros ocupam um lugar quase divino, como um hino à vida, local e universal. A ligação à aldeia é da ordem da comunicação entre o mundo humano e o mundo rural de forma a desvendar os segredos do cosmos, onde também figuram os usos e costumes, as tradições, as crenças, as festas, a música, os foguetes, mas também os silêncios sob o sol tórrido ou a noite placentária. Porém referenciar o espaço é também falar do tempo: além de registrar, a partir da observação da aldeia, um modo de vida, Ana Torres faz em simultâneo a história de um tempo que abole formas ancestrais de vida e nos empurra impiedosamente para a morte: a casa inicial “calou-se”, foi arrasada, o terreno foi agora vendido. Marta no seu desejo de resgatar as origens construiu uma nova casa, no mesmo lugar, ainda que de cimento e com modernidades, “Pourtant, quando on s’assied en quête d’un rayon de soleil, on sent encore la vieille maison vibrer” (Torres, 2022, p. 87)²⁰.

Num mundo que se desmorona o sujeito constata que os mesmos lugares se tornaram outros e por isso não pode sentir a mesma emoção do passado. Instala-se então um sentimento de finitude. Neste universo só persiste a “vibração”, o sujeito ainda ouve esse pulsar da casa, concha, coração, inscrevendo-se assim numa dialética cósmica vida/morte, “Cest une terre à la violence méthodique. Nécessaire (Torres, 2022, p. 10)²¹ como reflexo do próprio espaço que se quer habitar “Capter l’instant des saisons pour les revivre. Pour toujours” (Torres, 2022, p. 94)²². O sujeito aspira dar corpo a essas raízes ao mesmo tempo que as revigora através da escrita. Trabalhar a palavra, parece ser a forma, talvez a única, de demorar o tempo que, no entanto, a hiperlucidez do sujeito não consegue iludir, sabendo que pode apenas captar o instante para o fazer renascer. A autora constrói a narrativa com um grande apuro no tratamento prosódico e rítmico da frase, atravessadas por um sopro poético.

Mas voltemos – e para concluir - ao propósito inicial: a procura das raízes, “Terra fria”, a “aldeia”, afinal, terra onde não nasceu Ana Maria Torres. À pergunta quais são as raízes que nos asseguram estarmos em casa, o romance parece responder que não é preciso ter nascido

²⁰ NT “No entanto, quando se senta à procura de um raio de sol, ainda ouve a velha casa vibrar”.

²¹ NT “É uma terra de violência metódica. Necessária”.

²² NT “Captar o instante das estações do ano para as reviver. Para sempre”.

lá. Este sentimento é “uma ficção escolhida”, “humana”, “uma construção cultural” (Cassin, 2018, p.83-84)²³.

Segundo Barbara Cassin o exílio, a exportação, leva ao abandono da língua materna, é com a língua do outro que se funda uma nova identidade. Ana Maria Torres escreve em francês para falar das suas raízes, Trás-Os-Montes, mas fá-lo oferecendo resistência, utilizando imenso léxico ou idiomatismos em português e, sobretudo, com o seu nome. “Je m’appelle Ana. Ana Maria”. Na realidade é pela língua que as suas raízes se afirmam (nome próprio, correlatos de topónimos, aldeia, Terra Fria) assinalando esse sentimento de pertença. A partir do pensamento de Lacan, Barbara Cassin afirma que a origem é uma ficção escolhida que se torna desta forma fixação (Cassin, 2018 p. 80-81).

A questão da origem, singular e plural, suscita assim uma escrita-pensamento de uma subjetividade que mostra as suas raízes, revisita lugares e vínculos, mas também desfaz os mitos das origens. Porque todos sabemos que nenhum povo na história da humanidade ficou no lugar de origem. Neste sentido “somos todos exilados” (Cassin, 2018, p. 130) e estamos em mobilidade, em errâncias contínuas, vivemos no equilíbrio instável que decorre da busca permanente de raízes e da atração por novos voos. Quando é que estamos então em casa? Ana Maria Torres parece responder: quando podemos ser acolhidos nós mesmos, os nossos familiares e a nossa língua (Cassin, p. 132), ou seja, quando se pode ser Ana Maria e não Ana.

Referências bibliográficas

BESSE, Maria Graciete. Percursos do Feminino. Lisboa: Ulmeiro, 2001.

CASSIN, Barbara. La nostalgie. Quand donc est-on chez soi ? Paris: Éditions Fayard, col. “Pluriel”, 2018.

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANDR, Alain. Dictionnaire des symboles. Édition revue et corrigée. Paris : Éditions Robert Laffont et Éditions Jupiter, 1982.

CRISTOVÃO, Fernando. Condicionantes culturais da literatura de viagens. Lisboa: Edições Cosmos e Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa, 1999.

ESTEVES, José Manuel da Costa. Exílio, saudade e sua tentativa de superação na poesia das mulheres da comunidade portuguesa em França. *A Vez e a Voz da Mulher Portuguesa na*

²³ Tomamos como base para esta reflexão o estudo de Barbara Cassin, *La Nostalgie. Quand donc est-on chez soi?*

Diáspora: Macau e Outros Lugares. Actas do III Congresso Internacional (org. Leonor Seabra e Maria Antónia Espadinha). Macau: Universidade de Macau, 2009.

ESTEVES, José Manuel da Costa. Vozes de mulheres portuguesas da diáspora no romance de Júlia Nery, 'Pouca terra... poucá terra... *Portuguesas na Diáspora: histórias e sensibilidades*, (org. Roseli Boschilia e Maria Luiza Andrezza. Curitiba, Editora da UFPR, 2011.

TORGA, Miguel. *Diário XVI*, Coimbra: Edição do Autor, 1993.

TORRES, Ana Maria. *Terra Fria, Mayenne* : Éditions la Grange Batelière, 2022.